**O USO EXCESSIVO DE TELAS POR CRIANÇAS: INTERFERÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA?**

Andrade, Edmar Soares de¹

Andrade, Pedro Henrique Soares Alves2

Nunes, Alexandre Lando3

Vieira, Leonardo Sales Martins4

Cavalcante, Paulo Afonso Neiva5

Orlato, Lucas Guasti6

Justo, Marina Pinheiro Bezerra7

Evangelista, Mateus Salomão Ferro Gomes 8

Ponce, Lucas de Almeida 9

Oliveira, Luiza Rodrigues 10

Griebeler, Giovanna Lucilla Ramos 11

Medeiros, Julya Sabino 12

Feitoza, Sarah Almeida 13

Oliveira, André Vinícius de 14

Arrighi, Bárbara Barcelos 15

Sampaio, Marcos Vinicius Diocesano16

Arrais, Márcio de Souza 17

Rocha, Giovanna Hellen Chaves 18

Filho, Adauto Lúcio Paes Landim de Oliveira19

Netto, Luiz Alves de Oliveira20

**RESUMO**

**Introdução:** O desenvolvimento humano é um processo complexo, contínuo e dinâmico, influenciado por fatores intrínsecos e extrínsecos. A infância se caracteriza por mudanças psicossociais e biológicas, das quais permitem obtenções importantes nos domínios motor, afetivo-social e cognitivo do desenvolvimento. O uso excessivo de telas durante a primeira infância, que compreende desde o nascimento até os seis anos de idade, impacta negativamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. **Objetivo:** Entender como o uso excessivo de telas por crianças na primeira infância interfere no seu desenvolvimento**. Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura, foi realizado um levantamento bibliográfico de caráter descritivo e exploratório, através das bases de dados: SciELO, Medline e Lilacs, utilizando os descritores: “uso de telas”, “desenvolvimento infantil”, “primeira infância” e “saúde da criança”, através do operador booleano “AND”. **Resultados e Discussão:** A exposição prolongada às telas na infância é um fator de risco significativo para o desenvolvimento neuropsicomotor das crianças, associando-se a atrasos na fala, linguagem, e habilidades motoras, além de impactar negativamente a saúde social e emocional. O uso excessivo de dispositivos eletrônicos, como smartphones e tablets, pode levar à fadiga extrema, estresse crônico e dificuldades comportamentais, como irritabilidade e impaciência, agravadas pela exposição a conteúdos inadequados para a idade. A saúde mental das crianças também é comprometida, com o aumento de sintomas de depressão, ansiedade, e oscilações de humor, além de dificuldades de concentração e baixo rendimento escolar. A interferência da luz azul das telas na produção de melatonina provoca distúrbios do sono, que, por sua vez, podem resultar em hábitos alimentares irregulares e preferência por alimentos de baixo valor nutricional. A redução do tempo de interação social e familiar, causada pelo uso excessivo de dispositivos, prejudica o desenvolvimento de habilidades essenciais como a empatia e a formação de vínculos afetivos, comprometendo o bem-estar geral das crianças. Esses fatores podem levar a uma dependência tecnológica, onde as crianças têm dificuldade em se entreter sem dispositivos eletrônicos, impactando negativamente seu desenvolvimento integral e social. **Conclusão:** Nesse sentido, importante evitar que crianças sejam expostas muito cedo a telas e também limitar seu tempo de exposição.

**Palavras-Chave:**  Desenvolvimento infantil; Tempo de tela; Saúde da criança.

**Área Temática:** Artigo não indexado

**E-mail do autor principal:** soaresedmar649@gmail.com

¹ soaresedmar649@gmail.com

² soaresedmar648@gmail.com

3 alexandrelandonunes0@gmail.com

4 leonardosmvieira@hotmail.com

5 paulo-afonso-neiva@hotmail.com

6 lucas\_orlato97@hotmail.com

7 marinapbjusto@gmail.com

8 dasilveira1951@gmail.com

9 lucasapponce@gmail.com

10 luizaoliveira7rv@outlook.com

11 giovannalucilla@gmail.com

12 julyasabinom@hotmail.com

13 almeidafeitoza.sarah@gmail.com

14 av384993@gmail.com

15 barbarabarrighi@gmail.com

16 marcosdiocesano@gmail.com

17 arraes\_med@hotmail.com

18 [giovannarfaminas@gmail.com](mailto:giovannarfaminas@gmail.com)

19adautin11@gmail.com

20Luiznetto.md@gmail.com

**1. INTRODUÇÃO**

O uso excessivo de telas por crianças, especialmente durante a primeira infância, tem se tornado uma preocupação crescente entre especialistas em desenvolvimento infantil, educadores e pais. Na era digital, dispositivos como smartphones, tablets e televisores estão amplamente disponíveis e muitas vezes são utilizados como ferramentas de entretenimento e educação para crianças pequenas. No entanto, a facilidade de acesso e a falta de regulamentação no tempo de uso têm levantado questões sobre os impactos potenciais dessa exposição prolongada. A primeira infância é uma fase crítica de desenvolvimento, onde habilidades cognitivas, sociais e motoras são formadas, e a interação com o mundo real desempenha um papel fundamental nesse processo. Portanto, a crescente dependência de telas pode interferir nessas interações, substituindo atividades essenciais como o brincar, a socialização com outros crianças e a exploração física do ambiente (Nobre et a 2021).

Além disso, estudos recentes indicam que o uso excessivo de telas pode estar relacionado a uma série de efeitos negativos no desenvolvimento infantil, incluindo dificuldades de atenção, atrasos na fala e problemas de socialização. Embora as telas possam oferecer conteúdos educativos, o tempo prolongado diante de dispositivos digitais pode limitar as oportunidades de aprendizagem prática e experiências sensoriais que são vitais para o crescimento saudável. A exposição constante a estímulos visuais e auditivos rápidos e dinâmicos também pode sobrecarregar o sistema nervoso em desenvolvimento das crianças, potencialmente levando a problemas comportamentais e de regulação emocional. Dado o papel crucial que a primeira infância desempenha na formação das bases para o desenvolvimento futuro, é essencial que pais e cuidadores compreendam os riscos associados ao uso excessivo de telas e busquem equilibrar o tempo de tela com atividades que promovam o desenvolvimento integral da criança (Peixoto et al, 2020).

A problemática do uso excessivo de telas por crianças na primeira infância tem suscitado diversas preocupações, especialmente no que diz respeito aos impactos negativos no desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Durante esse período crucial, o cérebro infantil está em plena formação, com sinapses sendo criadas a um ritmo acelerado. A exposição prolongada a dispositivos digitais pode interferir nesse processo, uma vez que substitui atividades fundamentais como o brincar livre, a interação social e o contato com a natureza, que são essenciais para o desenvolvimento saudável (Girardello; Fantin; Pereira, 2021). Estudos têm mostrado que crianças que passam muito tempo em frente às telas podem apresentar dificuldades de concentração, impulsividade e até mesmo atrasos na fala, uma vez que a interação passiva com conteúdos digitais não proporciona a mesma riqueza de estímulos sensoriais e de aprendizado ativo que as interações humanas e as brincadeiras físicas oferecem (Arruda et al, 2024).

Além dos aspectos cognitivos, o uso excessivo de telas na primeira infância pode também acarretar sérios problemas de saúde física e mental(Do Vale Barbosa, et al., 2023). O sedentarismo associado ao tempo prolongado em frente às telas pode levar ao aumento da obesidade infantil, bem como a problemas posturais e distúrbios do sono, que são críticos nessa fase de crescimento. Ademais, a exposição constante a conteúdos digitais, especialmente aqueles com alto teor de estímulos visuais e auditivos, pode contribuir para o desenvolvimento de ansiedade e estresse nas crianças, afetando sua capacidade de regular as emoções. O contato contínuo com as telas também pode dificultar a criação de vínculos afetivos e o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que a interação face a face, essencial para a empatia e a comunicação efetiva, é reduzida. Esses fatores destacam a necessidade urgente de uma reflexão sobre os hábitos digitais na infância e a implementação de práticas que promovam um uso mais equilibrado e consciente das tecnologias (Bispo et al, 2021).

O uso excessivo de telas por crianças na primeira infância é uma questão de crescente relevância, considerando o impacto potencial que essa prática pode ter no desenvolvimento integral das crianças. Durante os primeiros anos de vida, o cérebro infantil passa por um intenso período de desenvolvimento, onde a interação com o ambiente e as experiências sensoriais desempenham papéis cruciais na formação das capacidades cognitivas, emocionais e sociais. A substituição dessas interações por tempo excessivo em frente a dispositivos digitais pode prejudicar esses processos, levando a problemas como dificuldades de atenção, atrasos na linguagem e no desenvolvimento motor, além de impactos negativos na socialização e na capacidade de resolver problemas. O aumento do uso de telas entre crianças tem levantado preocupações entre especialistas em saúde infantil, educadores e pais, tornando-se um problema relevante que exige atenção e estratégias de intervenção.

Este trabalho contribui para a compreensão dos efeitos do uso excessivo de telas no desenvolvimento das crianças durante a primeira infância, trazendo uma análise crítica das evidências disponíveis na literatura e destacando a importância de práticas mais equilibradas no uso das tecnologias. Ao explorar os possíveis impactos negativos dessa exposição prolongada, o estudo busca fornecer subsídios para pais, educadores e profissionais de saúde na elaboração de estratégias que promovam um desenvolvimento mais saudável e equilibrado. Além disso, a pesquisa também visa sensibilizar a sociedade sobre a necessidade de regulamentações e orientações claras quanto ao uso de dispositivos digitais por crianças, contribuindo assim para a construção de um ambiente que favoreça o crescimento pleno e saudável na primeira infância. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é buscar a relação entre o uso excessivo de telas em crianças e o desenvolvimento na primeira infância.

**2. MÉTODO OU METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada no mês de Julho de 2024, utilizando uma metodologia exploratória e descritiva. O processo metodológico foi dividido em várias etapas, incluindo a definição do tema, critérios de seleção das fontes, análise dos dados, seleção do material relevante, interpretação dos resultados e apresentação dos achados mais significativos.

Inicialmente, foram pesquisados estudos nas bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Scopus e PubMed. Os descritores utilizados foram adaptados ao tema em questão e incluíram: “uso de telas”, “desenvolvimento infantil”, “primeira infância” e “saúde da criança”, utilizando o operador booleano “AND” para refinar os resultados.

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos artigos foram: estudos publicados nos últimos 10 anos (2014 a 2024), disponíveis nos idiomas português, inglês e espanhol; tipos de documentos incluíram estudos observacionais, ensaios clínicos controlados, revisões sistemáticas, estudos de coorte e transversais; e estudos que abordassem diretamente a relação entre o uso excessivo de telas e os impactos no desenvolvimento da primeira infância. Como critérios de exclusão, foram descartados artigos que não respondiam à pergunta de pesquisa, estudos não revisados por pares, publicações de teses e dissertações, artigos de opinião, e textos publicados antes de 2014.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram identificados 112 artigos. Destes, 17 foram selecionados para análise. A escolha final de 17 artigos foi realizada com base em uma análise criteriosa da relevância, qualidade e profundidade dos estudos em relação ao tema proposto: "O Uso Excessivo de Telas por Crianças: Interferências no Desenvolvimento da Primeira Infância". Adicionalmente, alguns estudos apresentavam limitações metodológicas significativas, como amostras reduzidas, falta de controle de variáveis importantes, ou conclusões que não eram suficientemente robustas. Outros artigos, apesar de relevantes, repetiam informações ou resultados já suficientemente cobertos por outros estudos, não contribuindo com novas perspectivas ou dados adicionais que enriquecessem a discussão. Todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra e os dados extraídos incluíram informações sobre a metodologia utilizada, características da população estudada, principais resultados e conclusões. Durante a revisão, foram excluídos textos em duplicidade.

Por se tratar de uma pesquisa com dados secundários e de domínio público, este estudo dispensou submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme previsto nas diretrizes éticas aplicáveis. A revisão não envolveu experimentação com seres humanos ou animais, focando-se exclusivamente na análise de literatura já publicada.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Em primeiro plano, o uso abusivo de telas na infância tem sido uma preocupação crescente entre especialistas, dado o impacto significativo que pode ter no desenvolvimento físico, cognitivo e social das crianças. Sousa e De Carvalho (2023) ressaltam que a exposição excessiva a dispositivos eletrônicos durante os primeiros anos de vida pode levar a uma série de consequências negativas, como problemas de atenção, aumento do comportamento sedentário e dificuldades nas interações sociais. Esses efeitos são amplificados pelo fato de que, na infância, o cérebro está em uma fase crucial de desenvolvimento, tornando-o particularmente vulnerável aos estímulos excessivos e inadequados proporcionados pelo uso prolongado de telas. Complementando essa perspectiva, Nobre et al. (2021) discutem os fatores que determinam o tempo de tela entre crianças na primeira infância, destacando que aspectos como a falta de orientação parental, a ausência de alternativas de lazer e a própria dinâmica familiar podem contribuir para o aumento do tempo de exposição às telas. A combinação desses fatores não apenas influencia a quantidade de tempo que as crianças passam em frente a dispositivos eletrônicos, mas também molda a qualidade desse tempo, muitas vezes em detrimento de atividades mais enriquecedoras e fundamentais para o desenvolvimento infantil, como o brincar ao ar livre e as interações face a face. Esses achados sublinham a importância de uma abordagem equilibrada e consciente por parte dos pais e cuidadores no que diz respeito ao uso de telas, a fim de mitigar os potenciais riscos associados e promover um ambiente mais saudável e propício ao desenvolvimento integral das crianças.

Paralelo a isso, o uso crescente de telas digitais na primeira infância tem levantado preocupações quanto às suas influências no desenvolvimento social e comportamental das crianças. Gondim et al. (2022) destacam que a exposição precoce e prolongada a dispositivos digitais pode impactar negativamente a capacidade das crianças de desenvolver habilidades sociais fundamentais, como a empatia, a comunicação verbal e a capacidade de interpretar expressões faciais e emoções. Isso ocorre porque a interação com telas muitas vezes substitui as interações humanas diretas, que são essenciais para a aquisição dessas competências. Além disso, Peixoto, Cassel e Bredemeier (2020) exploram as implicações neuropsicológicas e comportamentais decorrentes do uso excessivo de telas durante a infância e a adolescência, apontando que esse hábito pode estar associado ao aumento de problemas de atenção, hiperatividade, ansiedade e dificuldades na regulação emocional. A exposição excessiva às telas pode ainda alterar os padrões de sono e contribuir para a obesidade infantil, devido ao comportamento sedentário incentivado pelo tempo prolongado diante dos dispositivos (Leitão, 2023). Essas evidências sublinham a necessidade de uma abordagem mais cuidadosa e equilibrada no uso de tecnologias digitais pelas crianças, promovendo um ambiente que valorize tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o social, assegurando que as crianças cresçam em um contexto que favoreça seu bem-estar integral e a formação de relações interpessoais saudáveis.

Além disso, a crescente preocupação com o tempo de uso de telas na infância tem motivado estudos que buscam compreender e mitigar os impactos negativos desse comportamento. Bispo, Alpes e Mandrá (2021) desenvolveram um instrumento específico para medir o tempo de exposição das crianças às telas, ressaltando a importância de uma avaliação precisa para identificar padrões de uso excessivo que possam comprometer o desenvolvimento infantil. A validação desse instrumento é crucial para fornecer dados confiáveis que orientem intervenções e políticas públicas voltadas à promoção de hábitos saudáveis no uso de tecnologias digitais. Complementando essa perspectiva, Arruda et al. (2024) realizaram uma revisão integrativa da literatura, evidenciando diversos malefícios associados ao uso excessivo de telas durante a infância. Entre os principais efeitos negativos estão o comprometimento do desenvolvimento cognitivo, dificuldades na socialização, problemas de sono, e a predisposição ao sedentarismo, o que pode levar à obesidade(De Alencar Rocha, et al., 2022). Esses estudos sublinham a necessidade de estratégias eficazes de monitoramento e controle do tempo de tela, não apenas em casa, mas também em ambientes escolares, para assegurar que o uso da tecnologia seja equilibrado.

Ademais, o uso excessivo de telas na infância tem se tornado uma preocupação crescente devido às suas implicações neuropsicológicas, como destacado por Lima et al. (2023). Em uma revisão sistemática, os autores identificam uma série de efeitos negativos associados à exposição prolongada a dispositivos digitais, incluindo dificuldades de atenção, aumento dos níveis de ansiedade, e problemas na regulação emocional. Esses impactos não apenas afetam o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também influenciam diretamente suas habilidades sociais, levando a um possível isolamento e à redução da capacidade de interação interpessoal. Borba (2022) acrescenta uma reflexão crítica sobre o papel da tecnologia digital no processo de integração infantil, ressaltando que, embora a tecnologia possa oferecer novas oportunidades de aprendizado e entretenimento, ela também modifica profundamente a forma como as crianças brincam e interagem com o mundo ao seu redor. A autora enfatiza a necessidade de um equilíbrio cuidadoso entre o uso de tecnologias e as atividades lúdicas tradicionais, que são essenciais para o desenvolvimento saudável. Juntas, essas obras apontam para a importância de uma abordagem consciente e moderada no uso de telas na primeira infância, a fim de mitigar os riscos e promover um ambiente propício ao desenvolvimento integral das crianças.

Outrosim, o aumento do uso de telas durante a primeira infância, especialmente durante a pandemia de COVID-19, trouxe mudanças significativas nas rotinas e nos comportamentos das crianças, como discutido por Frizzo (2022). Com a necessidade de isolamento social e a restrição de atividades ao ar livre, muitos pais recorreram às telas como uma ferramenta de distração e educação, resultando em um aumento substancial no tempo de exposição das crianças a dispositivos eletrônicos. Este aumento, embora compreensível dentro do contexto pandêmico, levanta preocupações sobre os impactos a longo prazo no desenvolvimento infantil. Carvalho et al. (2023) exploram uma dessas preocupações ao discutir o uso de telas como forma de distração durante as refeições, um comportamento que tem sido associado à seletividade alimentar. O estudo aponta que a introdução das telas durante a alimentação pode levar a um padrão alimentar menos saudável e a uma relação problemática com a comida, uma vez que as crianças se tornam menos conscientes do que estão comendo e mais propensas a desenvolver preferências alimentares restritivas. Essas descobertas destacam a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as práticas adotadas durante a pandemia e sobre como podemos aprender com essas experiências para equilibrar o uso de tecnologias digitais de forma que apoie, em vez de prejudicar, o desenvolvimento saudável das crianças.

Nesse sentido, o uso abusivo de telas na infância tem sido associado a uma série de consequências negativas no desenvolvimento neuropsicológico e comportamental das crianças, conforme apontado por Sousa e Carvalho (2023). A exposição prolongada às telas, seja através de dispositivos móveis, televisores ou computadores, tem mostrado impactos significativos no desenvolvimento cognitivo, incluindo dificuldades de concentração, aumento na impulsividade e prejuízos no desempenho acadêmico. Além disso, Peixoto, Cassel e Bredemeier (2020) destacam que o uso excessivo de dispositivos eletrônicos durante a infância e adolescência pode levar a distúrbios comportamentais, como ansiedade, depressão e isolamento social. Esses efeitos são particularmente preocupantes quando se considera que o uso de telas, muitas vezes, substitui atividades essenciais para o desenvolvimento infantil, como o brincar ao ar livre e a interação social direta. Portanto, é fundamental que pais, educadores e profissionais de saúde estejam atentos a esses riscos, promovendo um uso equilibrado e consciente das tecnologias desde cedo.

Por fim, o uso excessivo de telas na infância, especialmente durante a pandemia de COVID-19, tem gerado profundas implicações neuropsicológicas que afetam o desenvolvimento infantil de maneira significativa (Cruz, et al., 2024). Segundo Lima et al. (2023), o aumento no tempo de tela está diretamente relacionado a uma série de consequências negativas, como a redução da capacidade de atenção, dificuldades de memorização e alterações no humor, que podem comprometer o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A pandemia exacerbou essa situação, conforme observado por Frizzo (2022), ao tornar o uso de dispositivos eletrônicos uma constante na vida diária das crianças, substituindo atividades essenciais ao desenvolvimento saudável, como a interação social presencial e o brincar ativo. Essa mudança abrupta e prolongada nos hábitos de vida das crianças durante a pandemia trouxe à tona a necessidade urgente de reavaliar o papel das telas na infância e de estabelecer diretrizes que promovam um equilíbrio saudável entre o uso da tecnologia e as atividades que favorecem o desenvolvimento integral das crianças.

**4. CONCLUSÃO**

Portanto, o uso excessivo de telas na infância, conforme evidenciado pelas revisões e estudos desenvolvidos, apresenta implicações para o desenvolvimento neuropsicológico, social e comportamental das crianças. A exposição prolongada a dispositivos eletrônicos tem sido associada a uma série de consequências negativas, como dificuldades de concentração, aumento da ansiedade e comprometimento na capacidade de socialização. Além disso, os estudos destacam que a exposição precoce e prolongada às telas pode impactar níveis o desenvolvimento cognitivo e emocional, criando um cenário preocupante para o surgimento de problemas de saúde mental a longo prazo. Esses achados reforçam a necessidade urgente de estratégias para gerenciar o ritmo da tela na infância, a fim de proteger o bem-estar das crianças.

Diante dessas evidências, é essencial que pais, educadores e profissionais de saúde tenham consciência dos riscos associados ao uso envolvido em telas na primeira infância. Políticas de conscientização e práticas educativas externas para a moderação do tempo de tela, são fundamentais para mitigar esses efeitos adversos. A promoção de atividades que estimulem o desenvolvimento social e cognitivo, longe das telas, deve ser priorizada como parte de uma abordagem preventiva na educação infantil. Dessa forma, ao equilibrar o uso da tecnologia digital com práticas de segurança de desenvolvimento, é possível garantir que as crianças tenham um crescimento equilibrado e saudável, permitindo-lhes prosperar em um mundo a cada vez.

**REFERÊNCIAS**

ARRUDA, Nathalie Felix Soares et al. Os malefícios da utilização de telas eletrônicas na infância: uma revisão integrativa da literatura. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos** , v. 14, pág. e14705-e14705, 2024.

BISPO, Letícia Rodrigues Alves; ALPES, Matheus Francoy; MANDRÁ, Patrícia Pupin. Validação de conteúdo do instrumento para verificar o tempo de uso da tela na infância. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento** , v. 10, n. 17, pág. e97101724357-e97101724357, 2021.

BORBA, Mirela. **Um Brincar com a Tecnologia Digital na Primeira Infância?: reflexões sobre o uso das telas e o Processo de Integração Infantil**. Editora Dialética, 2022.

BRITO, Paloma Karen Holanda et al. Uso de telas digitais na primeiríssima infância, sob a ótica de mães e profissionais. 2022.

CARVALHO, Karina et al. Uso de telas na infância como forma de distração para comer e seletividade alimentar: um estudo de revisão. **Saber Científico (1982-792X)**, v. 12, n. 1, 2023.

CRUZ, Luiza Lavynny Vieira et al. Saúde mental: os riscos em crianças e adolescentes pelo uso excessivo de telas: uma revisão integrativa. **Revista Sociedade Científica**, v. 7, n. 1, p. 657-677, 2024.

DE ALENCAR ROCHA, Maressa Ferreira et al. Consequências do uso excessivo de telas para a saúde infantil: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e39211427476-e39211427476, 2022.

DO VALE BARBOSA, Carolinny Sousa; ROCHA, João Gabriel Pereira; LOPES, Heloísa Amorim Teixeira. OS EFEITOS DO USO DE TELAS NA SAÚDE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 43, 2023.

FRIZZO, Giana Bitencourt. O uso de telas na primeira infância: o que mudou na pandemia COVID-19 e que lições ainda temos a aprender?. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas. Ribeirão Preto: USP, 2005-. Vol. 18, n. 2 (abr./jun. 2022), p. 5-7**, 2022.

GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica; PEREIRA, Rogério Santos. Crianças e mídias: três polêmicas e desafios contemporâneos. **Cadernos CEDES**, v. 41, n. 113, p. 33-43, 2021.

GONDIM, Ellen Cristina et al. Influências do uso de telas digitais no desenvolvimento social na primeira infância: estudo de revisão revisão]. **Revista Enfermagem UERJ** , v. e67961-e67961, 2022.

LEITÃO, Clara Monteiro; DE LIMA JÚNIOR, Umberto Marinho; DE SOUSA, Milena Nunes Alves. Implicações do tempo de tela no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças autistas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 3, p. e11970-e11970, 2023.

LIMA, Júlia Bittencourt et al. As principais implicações neuropsicólogas do uso excessivo de telas na infância: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 5, p. 23029-23044, 2023.

MARTINS, Marina Batella; BACELLAR, Andreza Mourão Lopes. Uso de telas por crianças e adolescentes hospitalizados: percepção dos cuidadores. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 32, p. e3411, 2024.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes et al. Fatores determinantes no tempo da tela de crianças na primeira infância. **Ciência & saúde coletiva** , v. 26, p. 1127-1136, 2021.

PEIXOTO, Maristela Jaqueline Reis; CASSEL, Paula Argemi; BREDEMEIER, Juliana. Implicações neuropsicológicas e comportamentais na infância e adolescência a partir do uso de telas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento** , v. 9, n. 9, pág. e772997188-e772997188, 2020.

SOUSA, Lucas Lopes; DE CARVALHO, José Bégue Moreira. Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. **Revista Eletrônica Acervo Saúde** , v. 2, pág. e11594-e11594, 2023.